

INFORM **ÁFRICA** TIVO - Nº 04 - Novembro - 2012

EMEF/EJA Oziel Alves Pereira

Projeto Afro - MST: África-Negra-Mãe-Mulher...

Diretora: Irene Gomes Lepore Vice-diretoras: Maria Odila Gerlin Orientadoras Pedagógicas:
Ana Rosa Mobilon Responsável: Wilson Queiroz-wilsonq@terra.com.br - F:3269- 6232-

Podemos sorrir... Nada mais nos impede... Não dá pra fugir... Desta coisa de pele...
(Jorge Aragão)

Fiquei na dúvida entre novembro de 2012 ou fevereiro de 2013, para publicar o quarto exemplar deste informafricativo. Mas o fato é que novembro não comportava mais esta produção na escola, afinal estávamos em pleno planejamento das ações da Mostra Cultural, (07 de Dezembro de 2012) e com a proximidade da entrega do Jornal Urgente da escola, optei por não entregá-lo naquele momento e reiniciar o ano letivo, já com a 4ª edição. Portanto retomo agora, em fevereiro de 2013, a publicação dos Informafricativos, com o lançamento da temática que será trabalhada em 2013, no Projeto Afro-MST: África-Mãe-Mulher-Negra, do qual esta publicação compõe parte do trabalho desenvolvido. Reassumimos o compromisso de buscar atingir todos os alunos, professores, gestores, profissionais da escola e a comunidade escolar mais ampla, com este projeto-trabalho.

Busquei nos primeiros exemplares e diálogos com os alunos, profissionais e responsáveis da escola, um trabalho de desnaturalização do olhar e da prática racista na sociedade brasileira e mundial, afirmando a importância da História da África e Afro brasileira e do combate ao racismo, para a compreensão da história da humanidade de forma ampla. Construindo possibilidades para um diálogo e compreensão dos negros e negras, além da escravidão, e sim na plenitude de sua cidadania.

Neste sentido os novos exemplares assumirá o desafio de trazer conhecimentos sobre o continente Africano, com seus 53 países, de forma que este conhecimento possa contribuir para a afirmação de uma prática educativa multicultural e pluriétnica. Apostando que o conhecimento sobre a cultura africana e afro brasileira, nos possibilite encontrar instrumentos e construir práticas que reduzam as desigualdades pedagógicas e sociais a que são vitimizados os alunos oriundos de grupos considerados e ou tratados como minoritários no Brasil e assim apontemos para os nossos alunos responsabilidades e compromissos na busca da eliminação de toda a forma de discriminação.

No dia 07/10/2012, ouvi um senhor branco assim afirmar, enquanto organizava um painel na gráfica: *Eu tenho consciência negra todos os dias da minha vida.* Acredito que o desafio apontado pela lei 10639/03, que completa 10 anos, seja este, sonhar e construir uma sociedade que se baseie e assuma efetivamente comprometida em ser reflexiva cotidianamente e que esta possa ser uma ponte para a consolidação de uma sociedade mais fraterna e igualitária.

Superados alguns desafios, e surgindo outros, agradeço Irene Gomes Lepore, agora ex-diretora desta escola, que em sua gestão esteve sempre em diálogo com o projeto e viabilizou, no que lhe competia, muito do sucesso deste trabalho, sem esquecer-se dos muitos desafios que se tem ainda a superar.

O projeto tem buscado diálogos e viabilidades com a nova equipe gestora para que possamos o mais rápido possível ter efetivamente na escola, uma experiência de trabalho de valorização cotidiana da diversidade étnica ou multicultural. Deixar de ter a **Cultura Africana** como folclore, pontual e inferior, exige buscar estratégias diversificadas, exige um exercício político-pedagógico criativo e dinâmico para a prática docente. Neste sentido o autor James Banks nos aponta cinco aspectos com os quais devemos dialogar:

EdUcAçãO MuLTIcUITuRaL

As dimensões da educação multicultural devem ser claramente descritas, conceituadas e pesquisadas para que sejam implementadas de maneira coerente com a teoria. Neste ensaio, a educação multicultural está conceituada como um tema que consiste em cinco dimensões formuladas por mim (Banks, 1991; Banks, 2004b). Essas divisões estão baseadas em minha pesquisa, observações e trabalhos nessa área desde finais dos anos sessenta (Banks, 1970) aos anos 2000 (Banks, 2004b). São elas: (a) integração de conteúdo, (b) a construção do processo de conhecimento, (c) a redução de preconceito, (d) a equidade pedagógica, e (e) a viabilização da estrutura social e cultural da escola (veja Figura 1). Cada uma dessas dimensões está aqui definida e ilustrada. Cadernos PENESB • 7

Banks considera a respeito da educação multicultural: "o principal objetivo da educação multicultural é a reformar as escolas e universidades para que os alunos de diferentes grupos raciais, étnicos, culturais, linguísticos e sociais possam vivenciar igualdade educacional (PENESB, pág. 19, 2006).

As cinco dimensões de uma educação multicultural são assim descrita:

INTEGRAÇÃO DE CONTEÚDOS: Descreve em que extensão os professores usam exemplos e conteúdos de uma variedade de culturas em suas aulas.

EQUIDADE PEDAGÓGICA: Existe quando professores modificam suas aulas de modo a facilitar que os alunos de diferentes grupos raciais, culturais, sexuais e sociais possam alcançar maior sucesso acadêmico.

VIABILIZAÇÃO DA CULTURA ESCOLAR: as práticas de agrupar e rotular a participação em esportes, a desproporção na inclusão acadêmica e a interação do pessoal escolar com os alunos, por linhas étnico-raciais, são examinadas para criar uma cultura escolar que inclua estudantes de diferentes grupos raciais, étnicos e sexuais.

REDUÇÃO DE PRECONCEITO: O foco nessa dimensão é nas características das atitudes raciais dos estudantes e como podem ser modificadas por métodos e materiais.

CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: Professores ajudam alunos a entender, investigar e determinar como pressuposições culturais implícitas, referências, perspectivas e preconceitos dentro de uma disciplina, influenciam o modo no qual o conhecimento é nela construído. (PENESB, pág 20, 2006)

Assim sendo estas cinco dimensões vão apontar o desafio que é de fato efetivar uma educação multicultural e de valorização da diversidade étnica. Imaginar que no Brasil, sequer tivemos a formação acadêmica sobre a História da África e já estamos comemorando 10 anos da lei 10639/03, percebemos o quanto há de se fazer.

Assumimos para este ano em nosso trabalho com o Projeto Afro - MST, a busca por apresentar, conteúdos e conhecimento a ser explorados pelos professores e alunos que possibilitem ampliação do conhecimento da África, principalmente através do processo de pesquisa-ação. Chamaremos esta seção de *Eu ainda não sabia!*

Retomando um pouco mais das minhas lembranças do trabalho com o projeto, em 2012, é preciso agradecer e reiterar o convite a todos os professores, que colaboram e

colaboraram com o projeto, viabilizando o acesso e diálogo com os alunos de todas as séries, inclusive do ensino médio da rede estadual, que se prontificam e prontificaram a disponibilizar suas experiências, materiais e horários para as entregas dos informáfricativos e diálogos com os alunos.

Com a experiência acumulada e com a colaboração dos envolvidos, foi possível perceber algumas especificidades que cada ciclo (faixa etária-nível-série) de alunos vão apontando. Cada vivência possibilita conhecer melhor algumas das inúmeras práticas que estão sendo realizada pelos professores com os alunos, bem como suas dificuldades e anseios. Assim os diálogos com os professores da escola, com os alunos, com a comunidade escolar, possibilitam o enriquecimento do trabalho e a dimensionar os desafios a ser superados. Ao possibilitar conhecer os alunos e dialogar é compreender as suas dificuldade e possibilidades o que também apontam as dificuldades e possibilidade de quem se prontifica a lidar com projetos com estas características. Nesta busca os horizontes se ampliam e apontam responsabilidades cada vez maiores e muitas vezes complexas. Mas o que de tudo fica é o fortalecimento de uma aprendizagem e de um trabalho, que se faz perceber em inúmeras falas e práticas, ser possível e necessário e sempre na perspectiva do diálogo-estudo-construção.

Cores de Gente

Sônia Regina Ferreira de Oliveira -
Coordenadora Pedagógica - NAED Sul

Lembro-me com muita clareza do dia em que ouvi pela primeira vez a expressão "pessoas de cor". Eu tinha por volta de 4 a 5 anos e estava sentada sobre o muro de minha casa, espiando a rua. Pois neste dia estava eu lá no muro e chegaram umas pessoas na calçada e apontando a casa do meu vizinho me perguntaram:

- Aqui nesta casa moram umas pessoas de cor?

Eu imediatamente perguntei?

- De que cor?

Meu irmão, já mais velho, estava do meu lado e começou a rir de minha resposta e disse:

- "De cor" quer dizer preto, sua boba.

Ali despertei para as diferenças da cor da pele. Talvez antes não tivesse percebido o "branco e o preto" nas peles, ou então, em minha inocência, pensasse que outras cores de pele poderiam existir.

Fui crescendo ouvindo pessoas preconceituosas, na família e na vizinhança. Gente que achava que a cor da pela qualificaria a pessoa, lhe daria um valor, maior ou menor em algum aspecto de seu modo de ser, de sua personalidade ou capacidade.

Meu pai era preconceituoso. Embora tivesse amigos negros, ele brigava com as filhas que namoravam rapazes negros.

Lembro-me também de minha mãe dizer: - Deus é pai de todos os homens e mulheres, sejam brancos ou sejam negros, ricos ou pobres.

Essa ideia, quanto eu era bem pequenina, me dava um certo conforto, pois eu pensava: - Se Deus é pai de todos, somos todos irmãos. E se todos somos irmãos, nenhum há de fazer o mal ao outro.

Pois não era bem assim, e crescendo também fui entendendo sobre os absurdos que se praticou com a escravidão e a dor de imaginar a injustiça sofrida "na pele" pelas minhas amigas negras nas situações de preconceito, velado, que para mim era o pior e me doía também.

Quando me tornei professora sempre soube que precisava tratar do assunto do preconceito com as crianças e aprendi a fazer isso com a literatura, com uma produção de materiais que nos últimos 20 anos, aos pouquinhos foi se enriquecendo. Que sorte a minha, pois com a literatura infantil e infanto juvenil dava para abordar de maneira muito mais positiva, alegre e sensível a questão das raças, das culturas e dos preconceitos que existem em nossa sociedade em relação à cor de pele negra.

Mas uma vez, quando eu trabalhava com crianças de 6 anos, inventei de brincar com elas de "braços em degradê", que era assim: nós todos juntávamos lado a lado nossos braços estendidos, bem juntinhos, e íamos organizando pelo tom da pele: do mais branco (ou bege na verdade.... porque pele branca não existe, não é?) até o mais pretinho (que as crianças concluíam que era "marrom" porque preto, preto, também é difícil de ver....). Depois íamos organizando salteado, alternando os mais escuros com os mais claros, variando o jeito de fazer. Era muito carinhoso ver aqueles bracinhos magricelinhos de crianças pequeninas, coladinhos um no outro. E ao mesmo tempo íamos conversando sobre as cores que a gente pode ter, sobre a beleza de cada uma, com o que se parece na natureza e também dos preconceitos doídos que se sofre por ter uma pele de uma "cor" ou de outra. Neste momento muitas crianças negras podiam contar de situações em que já sofriam preconceitos raciais e os mais branquinhos contavam que não gostavam de serem chamados de "branquicelos" por irmãos ou colegas, que se sentiam magoados também.

E nessa brincadeira eu sempre me lembrava de minha infância e pensava: - Que pena! Se tivesse gente verde, azul, vermelha, amarela, também seria bem bonito!

África em Imagens



Figura 11.5 Mulher sarakole, Mauritània, grupo Soninke, da região do rio (Foto B. Nantet).
Imagem Disponível na Coleção História Geral da África - Volume II - UNESCO